

ADESÃO FAMILIAR AO USO DA ÓRTESE DE ABDUÇÃO NO MÉTODO PONSETI: FATOR DETERMINANTE PARA A PREVENÇÃO DA RECIDIVA DO PÉ TORTO CONGÊNITO

Danuse Carvalho Ellyan¹

Alberto Mucelini Giro²

Vinicius da Silva Freitas³

O tratamento do Pé Torto Congênito (PTC) pelo Método Ponseti é reconhecido mundialmente como o padrão-ouro, apresentando taxas de correção inicial superiores a 90% (PONSETI, 2008). No entanto, a correção obtida por meio de gessos seriados e tenotomia do tendão de Aquiles representa apenas a primeira etapa do tratamento, sendo a manutenção do alinhamento do pé diretamente dependente do uso contínuo da órtese de abdução, cuja finalidade é prevenir a retração dos tecidos e reduzir a recorrência da deformidade. Nesse contexto, a adesão familiar constitui o principal determinante do sucesso terapêutico em longo prazo. Conforme Nogueira *et al.* (2011), o fisioterapeuta desempenha papel que transcende o manejo clínico, atuando também como educador em saúde ao orientar os cuidadores quanto ao protocolo de utilização da órtese, recomendado por 23 horas diárias durante os três primeiros meses e, posteriormente, por aproximadamente 14 horas diárias, incluindo o período noturno e as sextas, até os quatro ou cinco anos de idade. Entretanto, fatores como o estresse emocional dos cuidadores e a percepção de desconforto da criança representam importantes barreiras à adesão ao tratamento. A literatura demonstra associação consistente entre o uso adequado da órtese e os desfechos clínicos, evidenciando que famílias com elevada adesão apresentam taxas de recidiva inferiores a 6%, favorecendo a obtenção de um pé funcional, plantígrado e indolor (ZIONTS *et al.*, 2012). Em contrapartida, a não utilização ou o uso inadequado da órtese constitui o principal fator preditivo para o retorno da deformidade, podendo elevar o risco de recidiva para índices entre 18% e 45%, com perda da dorsiflexão, reaparecimento do equino-varo e necessidade de reinício do protocolo de gessos ou de intervenções cirúrgicas mais complexas (DOBBS *et al.*, 2004). Conclui-se que a atuação fisioterapêutica deve priorizar, além das intervenções técnicas, o suporte psicossocial e a educação permanente da família, fortalecendo a aliança terapêutica e a adesão ao

¹Acadêmico(a) de Fisioterapia da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim/ES.

danusellyan16@gmail.com.

² Docente da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim/ES. Especialista em Fisioterapia Traumatológica e Desportiva pela Universidade Castelo Branco.

albertomucelini@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0006-1931-6509>.

³Docente da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim/ES. Doutor em Ciências da Reabilitação pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM) e Doutor em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). viniciuscarvalho34@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-2920-3998>.

tratamento como elementos essenciais para a manutenção dos resultados obtidos pelo Método Ponseti e para a prevenção da recidiva do Pé Torto Congênito.

Palavras-chaves: adesão ao tratamento; fisioterapia; Método Ponseti; órtese de abdução; pé torto congênito.

Área Temática: Fisioterapia